



XVII SICTI
Seminário de Iniciação Científica,
Tecnológica e Inovação
X SIMIT
Simpósio de Inovação Tecnológica

**CIÊNCIA e
COOPERAÇÃO
na AMAZÔNIA**
**16 a 19 de
Setembro**
IFPA Campus Bragança

VISITA TÉCNICA AO SUDESTE DO PARÁ: CONTRADIÇÕES TERRITORIAIS E PRÁTICAS FORMATIVAS NA LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

MAÍRA TAVARES PORFÍRIO¹, ALCILENE COSTA², MARIA ORLEIDE CORDEIRO DE ASSUNÇÃO³, PAULO AMBRÓSIO DA SILVA⁴

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia, IFPA, campus Bragança

² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia, IFPA, campus Bragança

³ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia, IFPA, campus Bragança

⁴ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia, IFPA, campus Bragança, E-mail autor correspondente: autor@emailautor

Área de conhecimento/Subárea: Área 07 - Ciências Humanas | Subáreas: Filosofia, Teologia, Sociologia, Antropologia, Arqueologia, História, História das Ciências, Geografia, Psicologia, Educação, Ciência Política.

ODS vinculado(s): ODS04 - Educação de qualidade - Assegurar a educação inclusiva, e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

RESUMO: A visita técnica ao sudeste do Pará, realizada pelo curso de Licenciatura em Geografia do IFPA – Campus Bragança, teve como objetivo analisar os conflitos territoriais e os processos de resistência na região. A atividade ocorreu em abril de 2025, com passagem por Marabá, Curionópolis e Parauapebas, incluindo visitas à comunidade indígena Akrãtikatêjê, à Serra Pelada, à Floresta Nacional de Carajás, ao acampamento Terra e Liberdade e ao IALA, no Assentamento Palmares II. Com abordagem qualitativa e metodologia participativa, os estudantes realizaram observações diretas, escutas com sujeitos locais e registros reflexivos. A experiência permitiu compreender as contradições do modelo de desenvolvimento amazônico e fortaleceu a formação docente crítica e comprometida com a realidade dos territórios.

PALAVRAS-CHAVE: visita técnica; amazônia oriental; formação crítica; formação docente; geografia crítica.

INTRODUÇÃO

As transformações territoriais na Amazônia oriental, especialmente no sudeste do Pará, revelam um cenário de intensos conflitos fundiários, degradação ambiental e disputas por diferentes projetos de desenvolvimento. Essa realidade desafia não apenas a compreensão acadêmica do espaço geográfico, mas também o papel formativo das instituições de ensino na preparação de profissionais críticos e comprometidos com a realidade local. Como discute Oliveira (2021), a Amazônia brasileira tem sido tratada como uma fronteira econômica em constante abertura ao capital, ao mesmo tempo em que abriga sujeitos históricos que lutam pela permanência em seus territórios e por formas alternativas de desenvolvimento baseadas na justiça social e na sustentabilidade.

A visita técnica realizada pelo curso de Geografia do IFPA – Campus Bragança insere-se nesse contexto como uma ferramenta pedagógica que contribui para a construção de uma leitura crítica e situada do território. Cavalcanti (2008) defende que o ensino de Geografia deve promover uma articulação efetiva entre teoria e prática, permitindo que os alunos compreendam a produção do espaço em suas múltiplas dimensões — material, social, política e simbólica — por meio da observação e da vivência concreta dos fenômenos geográficos. Para a autora, a experiência dos sujeitos no território é fundamental para a construção de saberes significativos, sendo a prática de campo um instrumento potente para conectar o conteúdo escolar à realidade vivida.

O problema central que orienta este trabalho é: de que maneira a visita técnica ao sudeste do Pará contribui para a compreensão crítica das contradições territoriais vividas na região, especialmente no que se refere aos



XVII SICTI
Seminário de Iniciação Científica,
Tecnológica e Inovação

X SIMIT
Simpósio de Inovação Tecnológica

**CIÊNCIA e
COOPERAÇÃO
na AMAZÔNIA**

**16 a 19 de
Setembro**

IFPA Campus Bragança

conflitos socioespaciais entre os projetos de desenvolvimento hegemônicos e os modos de vida dos povos indígenas, camponeses e demais comunidades tradicionais? Parte-se da hipótese de que a vivência direta no território, por meio da visita técnica, permite aos licenciandos em Geografia analisar, de forma mais concreta e sensível, como as políticas territoriais e econômicas priorizam os interesses do capital. Assim, a atividade de campo se revela não apenas como instrumento pedagógico, mas também como estratégia formativa fundamental para o desenvolvimento de uma prática docente crítica e engajada.

Diante disso, o trabalho tem como objetivo relatar a experiência formativa da visita técnica, destacando os aprendizados construídos in loco.

A relevância do tema está na necessidade urgente de formar educadores capazes de entender e atuar frente às desigualdades socioespaciais e à violação dos direitos dos povos amazônicos.

METODOLOGIA

A presente pesquisa se caracteriza por uma abordagem qualitativa, pois busca compreender a realidade social e territorial do sudeste paraense a partir da perspectiva dos sujeitos que vivenciam cotidianamente os conflitos e as resistências nos espaços visitados. De acordo com Minayo (2007), a pesquisa qualitativa busca compreender a realidade social a partir das percepções, significados e valores atribuídos pelos sujeitos às suas vivências. Essa abordagem é especialmente adequada quando se pretende captar a complexidade das relações humanas e dos contextos em que estão inseridas, permitindo uma leitura mais sensível e aprofundada dos fenômenos sociais.

A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação participativa, Segundo Thiollent (2000), a pesquisa-ação é uma modalidade de investigação social fundamentada na prática, que se desenvolve em estreita relação com os sujeitos envolvidos em uma determinada realidade. Seu principal objetivo é articular a produção do conhecimento com a transformação social, por meio da colaboração ativa entre pesquisadores e participantes, especialmente em contextos marcados por conflitos, demandas comunitárias ou desafios educacionais. Essa metodologia é particularmente adequada quando se busca não apenas entender os fenômenos, mas também intervir de forma crítica e propositiva no processo investigado.

A visita técnica foi realizada entre os dias 26 e 31 de abril de 2025, com saída do IFPA, Campus Bragança, tendo como destino os municípios de Marabá, Curionópolis e Parauapebas, no sudeste do estado do Pará. A atividade foi orientada pelos professores Gabriel Barros, Cássio e Josinaldo Reis e envolveu estudantes da turma de Geografia 2022. O roteiro incluiu visitas à comunidade indígena Akrãtikatêjê, à área do antigo garimpo da Serra Pelada, à Floresta Nacional de Carajás, ao acampamento Terra e Liberdade e ao Instituto de Agroecologia Latino-Americano (IALA), localizado no Assentamento Palmares II.

Os procedimentos metodológicos adotados incluíram: (1) Observação direta nos locais visitados, com registros fotográficos, anotações em diário de campo e levantamento de dados empíricos sobre as condições socioespaciais de cada localidade; (2) Rodas de conversa com moradores, lideranças comunitárias, educadores e militantes de movimentos sociais;

A sistematização dos dados foi realizada de forma coletiva ao final de cada dia da visita técnica, permitindo a troca de impressões entre os participantes e o amadurecimento das análises. Essa dinâmica colaborativa contribuiu para o fortalecimento do olhar crítico dos estudantes sobre o território e os processos que o constituem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante os dias de visita técnica, foi possível observar de maneira concreta a sobreposição de projetos de uso e ocupação do território. No caso da comunidade indígena Akrãtikatêjê, situada às margens da BR-222, o



XVII SICTI
Seminário de Iniciação Científica,
Tecnológica e Inovação
X SIMIT
Simpósio de Inovação Tecnológica

**CIÊNCIA e
COOPERAÇÃO
na AMAZÔNIA**
**16 a 19 de
Setembro**
IFPA Campus Bragança

contato com a comunidade revelou a força da identidade étnica e da organização social indígena, em contraste com a invisibilização estatal.

A visita à Serra Pelada, em Curionópolis, permitiu refletir sobre a exploração predatória dos recursos minerais, a degradação ambiental e o abandono de antigos garimpeiros. A imagem da cratera aberta pelo garimpo simboliza não apenas uma ferida na paisagem, mas também nas relações sociais e nas esperanças frustradas de milhares de trabalhadores.

Já na Floresta Nacional de Carajás, gerida por um modelo de conservação associado à exploração mineral, foi possível perceber a contradição entre a preservação ambiental e a presença massiva da Vale S.A., que detém a concessão de exploração de ferro na região. Segundo Becker (2005, p. 74), “a ideia de desenvolvimento sustentável na Amazônia tem sido apropriada como justificativa para a expansão econômica, desconsiderando os limites sociais e ecológicos das populações locais”.

Outro momento marcante foi uma roda de conversa na escola Crescendo na Prática, localizada no Assentamento Palmares II, no IALA, onde a diretora compartilhou as experiências da educação do campo, ressaltando a articulação entre conhecimento acadêmico, práticas agroecológicas e cultura local.

A prática da observação direta e do contato com os sujeitos locais provocou nos estudantes uma ampliação do olhar crítico e ético sobre o ensino da Geografia. Ao relacionar os conteúdos acadêmicos com os contextos vivenciados, os licenciandos puderam entender o território não apenas como uma abstração, mas como espaço de disputa, resistência e construção coletiva. Como sintetiza Santos (2006), o espaço não é apenas um palco onde os fatos se desenrolam, mas um agente ativo na construção da sociedade.

Assim, os resultados indicam que a visita técnica cumpriu um papel formativo fundamental, tanto no que se refere à compreensão das contradições territoriais da Amazônia oriental quanto na construção de uma postura docente crítica, sensível e comprometida com os direitos dos povos do campo, da floresta e das cidades.

CONCLUSÃO

A visita técnica ao sudeste paraense foi uma experiência formativa ímpar, que permitiu o aprofundamento de conhecimentos teóricos e práticos sobre o território amazônico, suas contradições e resistências. Por meio do contato direto com sujeitos históricos e com a materialidade do espaço, reafirmamos o compromisso com uma educação geográfica crítica, territorializada e socialmente engajada.

Essa vivência fortaleceu a compreensão de que a formação docente deve considerar o território como categoria central, e que o ensino de Geografia deve ir além do conteúdo, incorporando a escuta, a sensibilidade e a ética. A partir dessa experiência, nos tornamos mais preparados para atuar como educadores conscientes do papel social e político da nossa profissão.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A questão agrária no Brasil: o debate em torno da função social da propriedade rural**. In: FERNANDES, Bernardo Mançano (org.). **Questão agrária: conflitos e políticas públicas**. São Paulo: Expressão Popular, 2021. p. 43-67.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EdUSP, 2006.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- BECKER, Bertha K. **Geopolítica da Amazônia**. Estudos Avançados, v. 19, n. 53, p. 71-86, 2005.